

Shrek e a nova representação dos contos de fadas



Daniela Sacuchi Amereno

Bacharel em Publicidade, Propaganda e Criação – Mackenzie;
Mestranda em Comunicação – Unip;
Professora do Departamento de Ciências Sociais – Uninove.
São Paulo – SP [Brasil]
daniela.s@uninove.br

Juliana Chacon

Bacharel em Comunicação Social – Anhembi Morumbi;
Professora do Departamento de Ciências Sociais – Uninove.
São Paulo – SP [Brasil]
julianachacon@uninove.br



1 Introdução

Esse trabalho visa contribuir para a discussão da representação dos contos de fadas nos produtos midiáticos direcionados para o público infantil. O ponto de partida é investigar de que forma a estrutura narrativa propõe novos paradigmas para a sociedade, questionando os tradicionais. O princípio desse estudo é apoiar a discussão proposta na análise de um produto audiovisual específico denominado *Shrek*, estabelecendo um paralelo entre os tradicionais contos de fadas e a representação dessas histórias no filme *Shrek*¹.

Antes de iniciar a análise textual, é importante contextualizar o filme *Shrek*, uma animação norte-americana apresentada em duas edições: *Shrek 1* e *Shrek 2*.

O filme *Shrek 1* foi lançado em 2001 nos Estados Unidos e é uma produção *Dreamworks SKG* e *Pacific Data Images*. Com duração aproximada de cem minutos, a direção é de Andrew Adamson e Vicky Jenson. A narrativa do filme gira em torno de *Shrek*, um ogro que tem sua vida invadida por uma série de personagens de contos de fadas, que acabam com a tranqüilidade do seu lar. Para resolver o problema, ele faz um acordo com um príncipe nada convencional para resgatar a princesa *Fiona*. Durante o resgate a princesa e o ogro se apaixonam, ela se transforma definitivamente em uma ogra e terminam o filme se casando.

A edição *Shrek 2*, lançada em 2004, com direção de Andrew Adamson, Kelly Asbury e Conrad Vernon, tem duração aproximada de cento e cinco minutos. É uma continuação da história de amor entre os personagens principais. Ao retor-

nar da lua-de-mel, a princesa recebe um convite para jantar na casa de seus pais. Quando eles descobrem que a princesa se casou com um ogro iniciam uma luta para separá-los.

O filme *Shrek*, em suas duas edições, trata os contos de fadas com irreverência. No desenrolar de uma inocente e tradicional história de amor é que se estabelece o tratamento de novos paradigmas pela utilização de personagens de histórias infantis que, por sua natureza, são carregados de signos² que são contestados pelo filme: o herói já não é mais o mesmo herói, a princesa já não é mais apenas um objeto de decoração, o fiel escudeiro do mocinho é um burro falante extremamente atrapalhado e o herói da história é feio, desengonçado e socialmente inadequado.

2 Mitos e contos de fadas

Os contos de fadas encantam crianças e adultos desde a sua criação, que data da época medieval. O mais instigante nessas simples historinhas, é que além de entretenimento, elas são carregadas de valores e costumes.

Essas histórias merecem especial atenção, pois são de grande importância para a formação do indivíduo. Elas têm o poder não só de construir o mundo infantil da imaginação como de edificar o mundo adulto da realidade. E cada vez mais, o poder dessas histórias deriva não somente das palavras, como antigamente, mas das imagens que as acompanham.

Essas imagens, que podem ser de ilustrações de livros infantis ou em formato audiovisual, possuem uma força estética que exerce um domínio emocional muito forte.

Disseminados por diversas mídias os contos de fadas tornaram-se uma parte vital de nosso capital cultural. O que os mantém vivos e pulsando com vitalidade e variedade é exatamente o que mantém a vida vibrando: angústias, medos, desejos, romance, paixão e amor. Como nossos ancestrais, que ouviam essas histórias ao pé do fogo, em tabernas e quartos de fiar, continuamos a ficar petrificados por histórias sobre madrastas malvadas, bichos-papões sanguinários, irmãos rivais e fadas madrinhas. (TATAR, 2004, p. 15).

As raízes históricas dos contos de fadas estão localizadas nos povos primitivos e dessa origem conservam um estrato profundo de significados. Em Franz (2005, p. 11), pelos escritos de Platão sabe-se que as mulheres mais velhas contavam às suas crianças histórias simbólicas e desde então os contos de fadas estão vinculados à educação das crianças.

Segundo Bettelheim (1980), a mensagem que os contos de fadas transmitem, de maneira múltipla, é que a luta contra as dificuldades na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana, mas se a pessoa não se intimida, pelo contrário, se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e, muitas vezes, injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa.

Diante desse poder dos contos de fadas, nas últimas décadas os psicólogos infantis recorreram a eles para auxiliar crianças e adultos a resolver seus problemas. Tradicionalmente, o conto de fadas traz alívio ao sofrimento infantil, pois elabora, simbolicamente os conflitos entre a criança e o mundo.

É claro que os contos não são perfeitos modelos de orientação moral, o filósofo Walter Benjamin (TATAR, 2005) louvou a determinação aguerrida dos heróis e heroínas dos contos de fadas, lembrando que a moralidade referendada neles não está isenta de complicações e de complexidades. Os contos versam tanto sobre conflito e violência quanto sobre felicidade e virtudes, por isso, ao longo dos séculos, atraíram tanto defensores entusiásticos quanto críticos severos.

É importante ressaltar a relação entre mito e contos de fadas, pois ambos são modelos para o comportamento humano, que falam-nos na linguagem de símbolos, representando conteúdos inconscientes.

Segundo Bettelheim (1980), na maioria das culturas não existe uma linha clara separando o mito do conto de fadas. Alguns contos de fadas desenvolveram-se tendo como base os mitos; outras histórias foram incorporando o aspecto mítico. Dessa forma, tanto os mitos quanto os contos de fadas têm muito em comum.

Entretanto, vale salientar que apesar de haver muita semelhança entre os mitos e os contos de fada, há entre os dois uma linha muito tênue a separá-los, existem algumas diferenças inerentes.

Embora as mesmas figuras exemplares e situações se encontrem tanto em mitos como em contos de fadas, e acontecimentos igualmente miraculosos ocorram nos dois, há uma diferença crucial na maneira como são comunicados. Colocado de forma simples, o sentimento dominante que um mito transmite é: isto é absolutamente singular; não poderia acontecer com nenhuma outra pessoa, ou em qualquer outro quadro, os acontecimentos são grandiosos, inspiram admiração e não poderiam possivelmente acon-

tecer a um mortal comum. Em contraste, embora as situações nos contos de fadas sejam com frequência inusitadas e improváveis, são apresentadas como comuns, algo que poderia acontecer a você ou a mim. Mesmo os mais notáveis encontros são relatados de forma casual e cotidiana. (BETTELHEIM, 1980, p. 47).

Os contos de fadas são íntimos e pessoais, contando-nos sobre a busca de romance e riquezas, de poder e privilégio e, o mais importante, sobre um caminho para sair da floresta e voltar à proteção e segurança de casa. Dando um caráter terreno aos mitos e pensando-os em termos humanos em vez de heróicos, os contos de fadas imprimem um efeito familiar às histórias no arquivo de nossa imaginação coletiva. (TATAR, 2005, p. 9).

Outra diferença também significativa entre mitos e contos de fadas é o final, que nos mitos é quase sempre trágico, enquanto nos contos é sempre feliz.

Dessa forma, o conto de fadas é muito mais próximo dos seres humanos comuns, fazendo com que o receptor se imagine na história. Tal fato explica o poder desses contos sob a humanidade, mesmo com o passar das décadas.

Eles têm sido uma “alimentação” infinita para a mídia e os meios de comunicação, tanto que o cinema e o mercado publicitário utilizam as narrativas tradicionais dos contos de fadas ou sua essência para construir sua comunicação.

O fator relevante para o trabalho aqui proposto é a mudança conceitual na utilização dos contos de fadas nos produtos midiáticos, que questionam e distorcem os valores

tradicionais existentes. As histórias não são mais as mesmas, pois são contadas de maneiras diferentes, sob um novo enfoque que busca adaptá-las a realidade atual.

Durante séculos, os indivíduos tiveram que lidar com a importância do interesse comum. O que era bom para a sociedade não era necessariamente bom para o indivíduo e, na maioria das vezes, o que era bom para indivíduo era execrado pela sociedade. Os pensadores tradicionais incentivaram os homens a cultivar o melhor em si mesmo, seguindo modelos pré-idealizados que visavam o interesse comum.

Entretanto, nas últimas décadas, o individualismo ganhou mais espaço, em detrimento de valores tradicionais. Temas que fazem parte da sociedade atual e que despertam o seu interesse como homossexualismo, filhos superprotegidos, relação entre diferentes etnias, tolerância religiosa, entre outros passam a ser trabalhados nos produtos midiáticos.

Dessa forma, o que se encontra em alguns contos de fadas modernos, como *Shrek*, é a estimulação do indivíduo em aceitar-se e a buscar a própria felicidade. É a aceitação da individualidade, o reconhecimento do direito de ser em um mundo aberto a infinitas possibilidades, deixando para trás a imposição de regras em prol do interesse comum.

3 Os contos de fadas em *Shrek*

Para muitos de nós, os livros de infância são objetos sagrados. Muitas vezes destroçados de tão lidos, esses livros nos transportavam de descoberta em descoberta, levando-nos a mundos inéditos e secretos que dão nova dimensão

aos desejos infantis e contemplam os grandes mistérios existenciais. (TATAR 2004, p. 8).

3.1 A figura do herói – O príncipe encantado

Autodisciplina, compaixão, responsabilidade, amizade, trabalho, coragem, perseverança, honradez, lealdade e fé. Ao longo dos tempos essas foram as qualidades que aprendemos a reconhecer nos heróis de contos de fadas. Nas histórias tradicionais, a imagem do herói era projetada na figura do príncipe encantado, geralmente o filho que tem uma missão a cumprir e seu mérito está ligado à vitória: salvar o reino de seus inimigos e ou resgatar a princesa. Em *Shrek* o mérito do herói é, simplesmente, a persistência.

Por terem sua origem na época medieval, era muito importante exacerbar nos contos de fadas a figura do filho como um guerreiro corajoso, devotado aos pais e aos seus deveres enquanto homem. Nas versões dos contos de fadas produzidos pela Disney até a década de noventa essas características foram mantidas, mas em contrapartida, a beleza e a vaidade foram inseridas em um contexto de lutas e afazeres importantes a serem cumpridos.

Definitivamente, no século XXI, não há mais como transmitir mensagens que enalteçam o espírito guerreiro em um contexto apoiado em guerras e lutas, na sociedade atual não é possível associar esse tema com bravura e beleza, nem tão pouco é saudável incutir na mensagem a necessidade de se buscar como único fim, para o sucesso a vitória plena. A visão de sucesso na sociedade moderna é mais complexa do que na época de origem dos contos de fadas e, em muitos casos, é possível considerar como sucesso manter uma vida

tranqüila, sem grandes percalços. Em uma época onde as crianças vivem uma vida atribulada com diversas atividades e que começam a surgir os primeiros casos de *stress* ainda na infância, as mensagens de entretenimento devem, mais do que nunca, transmitir a idéia de vida simples que privilegie a amizade, a honra e, principalmente, a força de vontade para seguir em frente. *Shrek* é o principal exemplo desse estilo de vida.

Shrek abre uma nova tendência nas mensagens transmitidas pelos contos de fadas. Após quase três décadas de Disney e suas versões que traziam a imagem do príncipe encantado belo, poderoso, destemido e vitorioso, em *Shrek* nasce um herói compatível com as aspirações e exigências da sociedade moderna. A história, acima de tudo, busca divertir o espectador ao invés de propriamente forçá-lo a conviver com a crueldade da vida real. *Shrek* transmite mensagens sobre condutas a serem seguidas, mas envolvidas em uma aura de entretenimento que, além de apresentar novas perspectivas para o herói, debocha dos valores transmitidos até então.

Tradicionalmente, os contos de fadas tentam moldar o espírito infantil para o sacrifício e a busca de valores pre-estabelecidos. Nessas histórias os príncipes renunciam aos prazeres para cumprir suas missões: trabalham arduamente, conquistam princesas, salvam reinos, lutam com dragões, feras e bruxas e escalam torres e palácios. Em *Shrek* esse tipo de mensagem perde sua força e o grande valor é a determinação e a coragem de assumir as suas peculiaridades, além da capacidade de adaptação em um ambiente instável. *Shrek* traz uma espécie de conforto para crianças que precisam vi-

ver em um mundo de constantes mudanças, onde a individualidade é algo difícil de ser mantida.

Shrek é um ogro solitário, criticado, desengonçado, feio, socialmente inadequado e que não tem controle sobre o próprio corpo. Trata-se, portanto, de um herói não-convenicional, extremamente bondoso, forte e, apesar da aparência, muito carinhoso. Shrek ama a natureza, preserva sua individualidade e sua maior qualidade é gostar da vida simples que leva, sem, no entanto, deixar de persistir na busca pela felicidade.

A animação não só busca trazer novos conceitos de bom comportamento e qualidades do ser humano, como também tenta quebrar os paradigmas anteriores, debochando explicitamente do tradicional príncipe encantado.

Os príncipes trazidos por Shrek são o exagero da figura ultrapassada e mal-sucedida. No primeiro episódio Lord Farquaad, um príncipe minúsculo tanto na estatura quanto na inteligência, não consegue perceber, sem a ajuda do espelho mágico³, que ainda não é rei por não ser casado. Diante desse fato, o príncipe é levado, então, a escolher uma princesa que o levará a subir ao trono, o interessante é que as opções (Cinderela, Branca de Neve ou Princesa Fiona) são apresentadas pelo espelho mágico em forma de programa de auditório, trazendo a trama para o contexto atual dos programas de entretenimento. Lord Farquaad escolhe rapidamente a Princesa Fiona e, na sua pressa em resolver o problema, não dá ouvidos aos inconvenientes que acompanham a candidata: Fiona se transforma em uma ogra em todo o pôr-do-sol. Além da baixa estatura e da falta de inteligência, que ridicularizam a figura do príncipe, Lord Farquaad é uma pessoa com preocupações pífias: na tentativa de ser a pessoa

mais encantadora do reino, ele dá ordens para que todos os personagens de contos de fadas sejam despejados do lugar onde moram para serem jogados em um pântano. Como se não bastasse, o reforço do espírito infantilizado do príncipe está retratado no fato de ter feito de seu palácio um parque de diversões. Arrematando toda a falta de encanto no príncipe do primeiro episódio de *Shrek*, ele mesmo não tem coragem de lutar com o dragão para salvar sua princesa escolhida na torre do castelo, mostrando toda a sua covardia e incompetência, Lord Farquaad promove um concurso onde o verdadeiro herói da trama, o ogro Shrek, é o vencedor e cumprirá seu papel até o final, pois sua palavra foi dada em nome do acordo feito com o príncipe para que mande tirar todos os personagens de contos de fadas do pântano onde fica a sua casa.

No segundo episódio o príncipe chamado “Encantado”, é o protótipo do menino mimado. O filho da fada madrinha não é capaz de resolver seus problemas sozinhos. Sua inferioridade em relação à Shrek está relacionada ao atraso com que chega à torre onde se encontrava Fiona. No lugar da princesa, Encantado se depara com o lobo mau de Chapeuzinho Vermelho. Encantado é extremamente vaidoso, a ponto de usar uma rede no cabelo embaixo de seu elmo. Suas atitudes nada têm a ver com um cavaleiro e, sua mãe, a fada madrinha, o superprotege em todas as situações, tratando-o, invariavelmente, como uma criança, a ponto de lhe pentear os cabelos. Quando os dois resolvem comprar um lanche em uma lanchonete *fast-food* (mais uma contextualização moderna), Encantado se comporta como uma criança, pedindo para a mãe o lanche que mais gosta.

Efetivamente, Shrek arrasa os conceitos empregados nos tradicionais contos de fadas, ridicularizando-os ao extremo.

Shrek é um personagem mais humano. Parece óbvio que o filme não tenta amenizar o caminho do herói com animais e plantas mágicas, fadas e encantamentos que tradicionalmente tornam o caminho do herói mais ameno. Não. Shrek é o retrato da vida real. Suas conquistas são por mérito próprio, não há nada de fantástico na vida dele a não ser pelo seu fiel escudeiro ser um burro falante, mas que, mesmo assim, não é um mago ou alguém especial, é um burro com qualidades e defeitos humanos, um amigo leal, porém real. Se compararmos o caminho de Shrek para salvar a princesa Fiona à saga do príncipe de *Bela Adormecida*, que tem em seu caminho ervas daninhas e plantas carnívoras que, por meio de um encanto, se tornam lindas flores que se abrem para ele continuar em frente sem nenhum problema, veremos que o valor de Shrek é muito maior e a mensagem embutida é que para se chegar aonde se quer nada lhe será dado, é necessário construir o próprio caminho, persistindo em busca da vitória.

O amor entre Shrek e Fiona também nada tem de encantado, ele surge de uma relação real, ou seja, a conquista e a procura por alguém que lhe complete de forma extremamente adulta nos contos de fadas. A grande diferença, além de mostrar a importância do companheirismo e das relações verdadeiras, é que o amor entre os dois floresce da convivência e não por um feitiço ou por um impossível amor à primeira vista. Nos contos de fadas tradicionais a semente do amor é plantada, invariavelmente, tendo como atrativo, a beleza. Em *Shrek* o conceito de que a índole humana e o



ser interior são muito mais valiosos que a beleza exterior está explicitamente contemplado.

Em *Bela Adormecida* o príncipe se apaixona pela princesa em razão de um senhor que lhe conta a triste história da moça enfeitada há cem anos. Em *Rapunzel*, o príncipe decide se casar com a pobre moça enclausurada somente ao ouvir sua doce voz. Em *Branca de Neve* o príncipe se apaixona muito mais pela moça que ele ajudou a salvar do que pela mulher. Por fim, em *Cinderela* o príncipe se apaixona por uma “serviçal” vestida de princesa e parte em busca da moça cujo pé caiba no sapatinho de cristal, reforçando o conceito de que a beleza é algo primordial. Para Fiona e Shrek o encanto foi uma conseqüência de uma série de fatores: pelas afinidades, pelo fato de se divertirem em conjunto, pelas emoções compartilhadas e pela personalidade de ambos. Para concluir, Fiona e Shrek não viveram felizes para sempre como todos os casais dos tradicionais contos de fada. No segundo episódio, Shrek teve que enfrentar os problemas gerados pelo preconceito da família da esposa.

Se em grande parte dos contos de fadas existe a moral da história, em *Shrek* há uma lição de vida, que de forma lúdica e encantadora nos mostra e, acima de tudo, para as crianças, que nos dias de hoje ser um herói é sair em busca da própria felicidade.

4 A nova princesa dos contos de fadas

Ao contrário do príncipe encantado, que na Idade Média via-se em um emaranhado de obrigações, lutas e guerras, como o filho devoto do pai, nessa mesma época a partici-

pação da mulher na sociedade não era tão significativa. A figura da princesa nos contos de fadas estava intimamente ligada à beleza, o que demonstra a importância da mulher, única e exclusivamente, para a procriação. A doçura e a desproteção das princesas de contos de fadas refletem mais um parâmetro da época em que foram escritos: a obrigação da mulher em não causar grandes problemas no convívio com o marido na intimidade do lar. A eterna gratidão das personagens aos seus salvadores (em contos de fadas o príncipe-herói salva a princesa de algum feitiço ou situação embaraçosa), refletem a submissão que as esposas deveriam prestar aos seus maridos.

Mais, uma vez, os parâmetros da sociedade moderna não permitem que os contos de fadas continuem a apoiar seus conceitos morais e de comportamento em uma figura como a da tradicional princesa desprotegida, submissa, indefesa que caracteriza objeto de procriação. *Shrek* é o primeiro conto de fadas moderno a quebrar esse paradigma da princesa, enquadrando-se em um contexto social em que a mulher participa e já não é mais o sexo frágil. A mulher moderna e, em consequência, a princesa moderna é capaz de tomar suas decisões, fazendo com que essa personagem perca seu caráter de simples figura decorativa com poucas aspirações sociais, para ganhar uma importante participação na construção de sua história e de seu destino. As princesas continuam belas, pois o paradigma de bela princesa permanece intacto mesmo nas mulheres e meninas mais ativas. No entanto entre todos os novos parâmetros estabelecidos para a figura da princesa, o que parece ser o mais importante é o fato de que ela, enquanto mulher independente, apesar de ainda continuar enclausurada na torre do castelo, é capaz

de romper com os interesses sociais em busca de uma vida escolhida por ela. Antigamente, a princesa abria mão de seus interesses e desejos em prol de casamentos arranjados, contratos sociais com os quais ela, involuntariamente, estava envolvida, devoção e respeito à vontade dos seus pais e, principalmente, ao marido. Em *Shrek*, Fiona decide seu próprio caminho, escolhendo seu marido e, por consequência, abrindo mão de dois casamentos arranjados, e, por muitas vezes, sendo a voz ativa do casal. A princesa Fiona faz sua opção por permanecer ogra em prol de seu grande amor por Shrek e, devido a essa escolha, enfrenta sem medo os problemas com sua família. Nessa escolha tenta-se transmitir uma nova idéia de que a beleza não é fundamental para se obter a completa felicidade. A menina/mulher de hoje deve privilegiar as suas vontades, tornando-se uma mulher de fibra. Fiona conhece defesa pessoal mesmo tendo permanecido por muito tempo trancafiada na torre do castelo, o que indica que ser desprotegida e impotente talvez não configure bom negócio para as mulheres que pretendem ser felizes e bem-sucedidas.

A questão da procriação também foi recriada em *Shrek*. No segundo episódio fica claro que o casal acha prematuro ter filhos, indo contra o forte papel desempenhado pelas princesas nos contos tradicionais. Refletindo mais uma tendência da sociedade moderna, Fiona e Shrek são o retrato dos casais modernos que muitas vezes adiam a decisão de terem filhos e, em alguns casos, não chegam a tê-los. A questão da procriação era tratada de forma muito pudica nos contos de fadas tradicionais. Raramente, ao contrário do que acontece em *Shrek*, esse assunto era tratado abertamente na narrativa. O único registro de algo fora do comum

nesse quesito encontra-se em Rapunzel que, ao final da história, encontra-se em um deserto com um casal de filhos gêmeos dos quais, não se sabe ao certo quem é o pai e em que momento da história eles foram concebidos. O assunto era tratado de forma tão cuidadosa que Rapunzel e seu príncipe encantado têm um reencontro mirabolante para que as crianças não fossem criadas sem pai. Rapunzel tornou-se esposa porque os irmãos Grimm não quiseram sugerir que seus filhos gêmeos nasceram fora do casamento.

Por fim, nos tradicionais contos de fadas, o beijo de amor leva ao plano ideal e a quebra do encanto, ou seja, é o momento em que a princesa sucumbe às pressões sociais enquanto nas novas histórias o beijo de amor leva ao plano real, ao plano possível, reafirmando o encanto e mostrando que não importa o que seja, desde que seja o que se quer, é o bastante para ser feliz. O principal exemplo dessa nova conduta é que Fiona ao beijar seu verdadeiro amor, Shrek, não quebra o encanto como ocorre nos tradicionais contos de fada, mas reafirma-o, o que faz com que permaneça ogra por todo o tempo.

5 A perda do encanto da fada madrinha

A fada madrinha é mais uma importante figura que perde seu valor tradicional e assume uma nova perspectiva em *Shrek*. As histórias atuais abandonam, em todos os âmbitos, a figura do mentor disfarçado de santos, gênios ou fadas madrinhas para resgatar a importância do amigo, um ser igual que tem defeitos, mas que, acima de tudo, é leal e está sempre pronto a dar conselhos.

Originalmente, a tradicional personagem dos contos de fadas estabelecia a ligação entre a princesa e a moral da história, quase sempre, a fada madrinha aconselhava e amenizava o caminho da princesa em busca da moral a ser exposta, no caso das princesas, ligada ao sucesso pessoal sem, no entanto, deixar de ser uma pessoa bondosa, piedosa e honrada.

Seguindo a tendência de apresentar os conselheiros como simples amigos, abandonando a figura do mentor, em *Shrek* a fada madrinha não só vira um objeto cômico como, pela primeira vez, testemunhamos um conto de fadas que apresenta esse personagem com poucas qualidades em seu caráter. O resultado é uma fada madrinha ambiciosa e fútil que tenta a todo custo casar seu filho, o príncipe Encantado, com a princesa Fiona e que promete para a mesma uma vida sem celulites e com um marido "saradão".

É importante realizar uma análise relacionando a fada madrinha dos contos de fadas tradicionais e do moderno *Shrek*. Apesar de todos os seus avanços em relação à narrativa da história, *Shrek* preserva a ligação da fada madrinha com a moral da história, tal qual percebemos nos contos originais. Por ser extremamente vaidosa, ambiciosa, fútil e, por conseqüência, má, a fada madrinha é a única personagem do segundo episódio que sofre um terrível castigo: desaparece em uma cena onde o feitiço, literalmente, vira contra a feiticeira.

A moral presente nesse fato incutiu, mais uma vez, a idéia de que não adianta esperar por encantos ou magias para conseguir o sucesso na vida, tem-se que construir o próprio caminho de acordo com suas possibilidades. Além disso, a história parece castigar a busca constante por bele-

za e por valores materiais, fazendo a fada desaparecer (em uma alusão à morte) e, ao mesmo tempo, parece premiar a simplicidade e desprendimento dos personagens principais representados pelos ogros que decidem manter a feiura inicial para serem felizes.

Vale ressaltar o papel materno das fadas madrinhãs, pois na grande maioria das histórias, apesar das princesas serem princesas, muitas vezes, a rainha (suposta mãe) não é citada, dessa forma a fada completa o papel de conselheira materna que ameniza e livra dos perigos o caminho da filha, mesmo porque, é comum em contos de fadas crueldades com as filhas como, por exemplo, trancá-las em uma torre ou permutá-las com outras pessoas⁴. Em *Shrek*, apesar de ter sido trancafiada na torre mais alta do castelo por muitos anos, Fiona retorna ao seio materno e não dá ouvidos aos conselhos de sua fada madrinha. Esse laço representa a valorização dos valores familiares que, muitas vezes, são conturbados nas versões originais dos contos de fadas.

6 “O Gato de botas” – A preservação dos valores morais

Para concluir o estudo da relevância das representações e da quebra de paradigmas dos contos de fadas na animação *Shrek*, não podemos deixar de citar o personagem gato de botas.

Quando George Cruikshank, o renomado ilustrador dos romances de Dickens, leu o Gato de Botas, ficou horrorizado ao pensar de que pais leriam aquela história para os filhos. O conto parecia uma suces-

são de falsidades bem-sucedidas – uma brilhante aula sobre como mentir! -, um sistema de imposição recompensado pelo maior lucro mundano possível! E, na verdade, há pouco a louvar nesse gato que ameaça, lisonjeia, engana e furta no intuito de instalar seu amo como senhor do reino. O Gato já foi visto como um virtuose lingüístico, um bichano que dominou a sublime arte da persuasão e da retórica para adquirir poder e riqueza. (TATAR, 2004, p. 236).

Se no tratamento de todos os personagens *Shrek* tenta mostrar uma visão de mundo melhor, quebrando os conceitos de conduta empregados nos contos de fadas, com *O Gato de Botas* não poderia ser diferente. Tendo como base, as impressões que esse personagem causou em sua época, mesmo em um *hall* de histórias que contemplam pais que trancam suas filhas, jogam seus filhos em batalhas, submetem seus familiares a acordos comerciais, esse espanto representa o quão mal quisito o Gato poderia ser.

Ao contrário do conto original, o Gato de Botas de *Shrek* representa muito mais o arrependimento do que a malandragem intrínseca ao personagem.

Contratado pelo pai de Fiona para matar *Shrek*, o Gato de Botas parte para realizar um assassinato em troca de dinheiro, porém, ao contrário da versão original, onde nada dá errado para o esperto bichano, em *Shrek* sua sorte não é a mesma e o Gato se vê encrencado entre a vida e a morte. No entanto, como o espírito de *Shrek* e seus valores morais são extremamente elevados, o herói não só poupa a vida do Gato de Botas como ainda se encanta por ele e o adota como

mais um amigo. Em troca do perdão, o Gato se torna leal a Shrek e jura pagar sua dívida.

É interessante notar como o filme *Shrek* se aproveita de personagens nada exemplares para celebrar a nova conduta que é apresentada às crianças. Com o mau agouro do Gato nessa versão, a lição que é passada está, mais uma vez, focada nos valores morais do ser humano. A busca por dinheiro fácil, a boa vida, a mentira e o crime não devem fazer parte do mundo ideal que os contos modernos tentam apresentar. O *Gato de Botas* que durante muito tempo o simbolizou o mau exemplo, agora, utilizado em *Shrek* demonstra como não se deve agir em hipótese nenhuma. O mais importante é que a única qualidade do gato original que é a lealdade a seu amo, é explicitamente mantida na animação.

7 Considerações finais

Se nos tempos primórdios, os contos de fadas eram transmitidos pela verbalização, narrados por camponeses ao pé da lareira, atualmente as histórias são veiculadas nos produtos midiáticos, ganhando muito mais poder, pois são transmitidas pelos meios de comunicação de massa, fazendo com que o receptor receba a mensagem como um entretenimento, o que aumenta seu poder de persuasão.

Percebe-se, pela análise de *Shrek*, que há uma tendência de adaptação dos paradigmas e conceitos dos contos de fadas à realidade atual dos cotidianos das crianças, buscando uma maior identidade entre a narrativa e o ser individual. Entretanto, vale ressaltar que essa forma de abordagem não se dá apenas por uma orientação moral e responsabilidade na construção de ci-

dadões para um mundo melhor, mas sim pela forma amena de transmitir a mensagem por meio do respeito à individualidade e às possibilidades de realização cada ser, fazendo com que os produtos midiáticos sejam consumidos por prazer, aumentando o poder comercial das produções.

Dessa forma, os contos de fadas que trabalham com as virtudes, anseios e fraquezas da natureza humana ainda se configuram como um tema atual e são utilizados de forma muito contundente nos produtos midiáticos. A nova fórmula substitui os valores estabelecidos e consagrados de antemão pela liberdade, autenticidade e criatividade. A grande mensagem embutida nos modernos contos de fadas, representados neste trabalho por *Shrek*, é a de que em qualquer tempo devemos ser nós mesmos sem medo de ser feliz.

Notas

- 1 O personagem Shrek foi criado pelo escritor Willian Steig em 1990. *Shrek* foi o primeiro filme de animação a concorrer à Palma de Ouro no Festival de Cannes desde *O mundo selvagem*, de 1974.
- 2 “Por definição, um signo é algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém” (PEIRCE, 1972, p. 94).
- 3 A vaidade ocupa um lugar elevado entre os pecados dos personagens dos contos de fadas, incluindo os príncipes. A madrasta de Branca de Neve está sempre consultando o espelho e as irmãs de Cinderela olham-se repetidamente no espelho para se admirar. Espelhos que iam até o chão eram uma verdadeira extravagância na Idade Média, e há algo quase mágico associado à possibilidade de ver a própria imagem da cabeça aos pés. (TATAR, 2004, p. 39).
- 4 Em muitos contos de fadas, como em *Rapunzel* e em *A Bela e a Fera*, um adulto entrega uma criança em troca de bem-estar ou segurança pessoal. Essa permuta desigual, apresentada como se fosse corriqueira, nunca é questionada ou contestada de modo algum pelos personagens. Trata-se, sem dúvida, de um sinal de desespero, bem como de um passo que aumenta enormemente o interesse pela trama.

Referências

- BETTELHEM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FRANZ, M. L. V. *A interpretação dos contos de fadas*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1990.
- MORAES, D. (Org.). *Por uma outra comunicação*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica e filosofia*. 1. ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- TATAR, M. *Contos de fadas – edição comentada e ilustrada*. 1.ed. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.

Para referenciar este texto:

AMERENO, D. S.; CHACON, J. Shrek e a nova representação dos contos de fadas. *Cenários da Comunicação*, São Paulo, v. 4, p. 77-98, 2005.